

a viagem do assassino

saga assassino e o bobo / livro 4

robin hobb

Tradução de Jorge Candeias

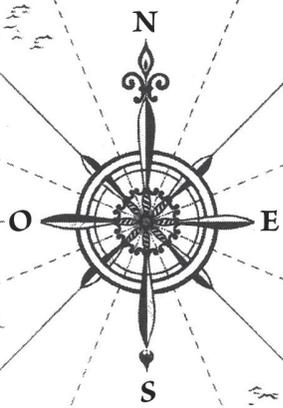


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

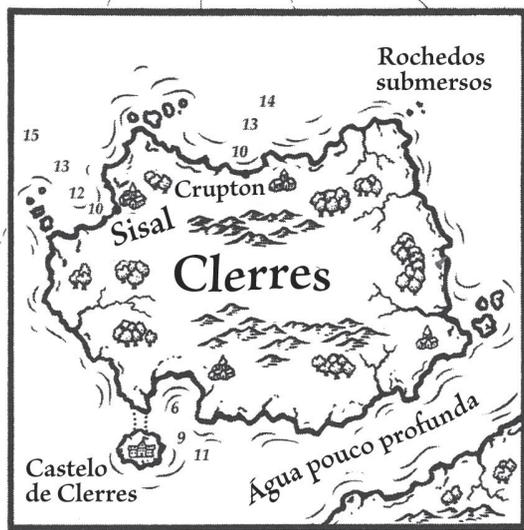
*Ao Fitz e ao Bobo,
Os meus melhores amigos há mais de vinte anos*

Comfrey
Sotter
Ilha de Nofer
Uinslocs
Ilha Trote
Chaimbaía
Ilhas das Especiarias
Siuelbe

Ilha do Naufrágio



Isabom
Kinectu
Sterlin



Ilha Desolação
Furnich

Ilha do Osso
Heifer

Clerres
Mercénia

PRÓLOGO

Há crianças de mãos dadas em círculo. No meio está uma só criança, em pé. A criança tem posta uma venda, mas estão pintados olhos na venda. Os olhos são negros e fitos, contornados de vermelho. A criança no meio gira em círculo, de mãos estendidas. Todas as outras crianças dançam num círculo mais largo à volta dela. Cantam uma canção.

*“Enquanto o círculo aguentar
Os futuros se poderão prever.
Coração duro terá de estar
Para o círculo querer desfazer.”*

Parece um jogo alegre. Cada criança no círculo exterior grita uma frase ou uma expressão. Não consigo ouvir o que elas estão a dizer, mas a criança vendada consegue. Começa a gritar-lhes de volta e as suas palavras são dilaceradas por um vento que vai aumentando lentamente. “Tudo queimarão.” “Os dragões cairão.” “O mar subir será certo.” “O céu de joias coberto.” “Um virá como dois.” “Os quatro choram depois.” “Dois como um virão.” “Fim na vossa dominação!” “Pagarão com as vidas também.” “Não sobrevive ninguém!”

Após o último grito, irrompe uma ventania da criança do meio. Bocados dela voam em todas as direções e o vento agarra nas crianças que gritam e espalha-as por todo o lado. Tudo se torna negro à exceção de um círculo de brancura. No centro do círculo está a venda com os olhos negros fixos, fixos.

Diário de Sonhos de Abelha Visionário

CAPÍTULO 1

Picadas de Abelha

A sala do mapa em Aslevjal mostrava um território que incluía a maior parte dos Seis Ducados, parte do Reino da Montanha, uma grande secção de Calcede e terras ao longo de ambas as margens do Rio dos Ermos Chuvosos. Suspeito que nos define as fronteiras do território dos Antigos à época em que os mapas foram criados. Fui incapaz de inspecionar pessoalmente a sala do mapa na cidade dos Antigos abandonada agora conhecida como Kelsingra, mas creio que seria muito semelhante.

No mapa de Aslevjal estavam marcados pontos que correspondem às pedras verticais no interior dos Seis Ducados. Julgo ser justo partir-se do princípio de que as marcas idênticas em locais nas Montanhas, nos Ermos Chuvosos e até em Calcede indicam pedras verticais que são portais de Talento. As condições em que esses portais estrangeiros se encontram são em grande medida desconhecidas, e alguns utilizadores de Talento avisam contra a tentativa de os utilizar até termos viajado fisicamente até lá e testemunhado que estão em excelentes condições. No que toca às pedras dos portais de Talento no interior dos Seis Ducados e do Reino da Montanha, parece prudente não só enviar correios Talentosos para visitarem cada local, mas também exigir a todos os duques para se assegurarem de que todas essas pedras verticais são mantidas em pé. Os correios que visitarem cada pedra deverão também documentar os conteúdos e as condições das runas em cada uma das suas faces.

Em alguns casos, encontrámos pedras verticais que não correspondem a uma marca no mapa de Aslevjal. Não sabemos se foram erguidas depois de o mapa ser criado ou se são pedras

que já não funcionam. Temos de continuar a encará-las com cautela, como fazemos com todo o uso da magia dos Antigos. Não podemos considerar-nos mestres dessa magia até conseguirmos duplicar os artefactos deles.

Portais de Talento, Breu Tombastela

Fugi. Ergui o pesado casaco de peles que usava e corri. Já estava demasiado quente e o casaco arrastava-se e prendia-se em todos os gravetos e troncos por que passava. Atrás de mim, Dwalia estava a gritar a alguém: “Apanhem-na, apanhem-na!” Ouvi o calcedino a fazer ruídos como um boi a mugir. Galopava descontroladamente, passando uma vez tão perto de mim que tive de me esquivar.

Os meus pensamentos correram mais depressa do que os meus pés. Lembrei-me de ser arrastada pelos meus captores para dentro de um pilar de Talento. Até me lembrei de como mordera o calcedino, esperando obrigá-lo a libertar Esquiva. E ele libertara, mas agarrara-se a mim e seguira-nos para dentro da escuridão do pilar de Talento. Eu não vira Esquiva nenhuma, nem aquela Serva que tinha sido a última na nossa cadeia de gente. Talvez ela e Esquiva tivessem sido deixadas para trás. Esperei que Esquiva lhe viesse a escapar. Ou talvez já tivesse escapado? Lembrei-me do frio de um inverno de Cervo que nos agarrava quando fugíamos. Mas agora estávamos noutra lugar e em vez de um frio profundo eu sentia só um friozinho. A neve reduzira-se a estreitos dedos de um branco sujo nas sombras mais profundas das árvores. A floresta cheirava ao início da primavera, mas ainda nenhuns ramos tinham adquirido folhas. Como era possível saltar-se de inverno num lugar para primavera noutra? Alguma coisa estava muito errada, mas eu não tinha tempo para pensar no assunto. Tinha uma preocupação mais urgente. Como podia uma pessoa esconder-se numa floresta sem folhas? Eu sabia que não seria capaz de correr mais depressa do que eles. Tinha de me esconder.

Odiei ferozmente o casaco. Não podia parar para me contorcer para fora dele, pois sentia as mãos tão desajeitadas como barbatanas de peixe, mas não tinha nenhuma possibilidade de me esconder dos meus perseguidores enfiada num enorme casaco de peles branco. Portanto, fugi, sabendo que não podia escapar mas demasiado assustada para deixar que me recuperassem.

Escolhe um lugar para resistires. Não onde te possam encurralar, mas também não onde te possam rodear. Encontra uma arma, um pau, uma haste, qualquer coisa. Se não conseguires escapar, fá-los pagar o mais caro possível por te capturarem. Nunca deixes de os combater.

Sim, Pai-Lobo. Proferi mentalmente o nome dele para me dar coragem. Lembrei a mim própria que era filha de um lobo; mesmo sendo os meus dentes e garras coisas patéticas, eu lutaria.

Mas já estava tão cansada. Como poderia lutar?

Não conseguia compreender o que a passagem pela pedra me fizera. Por que razão estava tão fraca e tão cansada? Queria deixar-me cair no local onde estava e ficar imóvel. Ansiava por deixar que o sono me reclamasse, mas não me atrevia a fazê-lo. Ouvia-os a chamarem-se uns aos outros, aos gritos e a apontarem para mim. Estava na altura de parar de correr, estava na altura de montar a resistência. Escolhi o lugar. Um aglomerado de três árvores, com os troncos tão próximos uns dos outros que eu me conseguiria esquivar por entre eles mas nenhum dos meus perseguidores seria capaz de me seguir com facilidade. Ouvia pelo menos três pessoas a abrir ruidosamente caminho pelos arbustos atrás de mim. Quantas poderiam ser? Tentei acalmar-me o suficiente para pensar. Dwalia, a líder: a mulher que sorria tão calorosamente enquanto me raptava de minha casa. Ela arrastara-me pelo pilar de Talento. E Vindeliar, o rapaz-homem que era capaz de fazer as pessoas esquecer as experiências que tinham vivido: ele atravessara a pedra. Kerf era o mercenário calcedino, mas a sua mente estava tão baralhada pela nossa viagem de Talento que tanto podia não constituir perigo para nenhum de nós, como matar qualquer um. Quem mais? Alaria, que fazia sem questionar qualquer coisa que Dwalia lhe dissesse, e o mesmo se aplicava a Reppin, que tão duramente me esmagara a mão ao atravessarmos o pilar. Era uma força muito mais pequena do que aquela com que Dwalia começara, mas ainda tinham uma superioridade numérica sobre mim de cinco para um.

Agachei-me atrás de uma das árvores, tirei os braços das mangas da pesada vestimenta de peles e por fim contorci-me e levantei-me até conseguir deslizar para fora dela. Peguei nela e atirei-a para o mais longe que consegui, o que não foi muito. Devia continuar a correr? Compreendi que não conseguiria. Sentia o estômago a dobrar-se e a torcer-se desconfortavelmente e tinha uma sutura no flanco. Não conseguiria ir mais longe do que aquilo.

Uma arma. Não havia nada. Só um ramo caído. A extremidade maior não tinha mais grossura do que o meu pulso e divergia em três ramos na outra extremidade. Uma fraca arma, mais ancinho que bastão. Peguei no ramo. Depois coleí as costas a uma das árvores, esperando contra toda a esperança que os meus perseguidores vissem o casaco e passassem por mim, para eu poder voltar para trás e encontrar um esconderijo melhor.

Eles vinham aí. Dwalia gritava entre arquejos: “Eu sei que estás assustada. Mas não fujas. Sem nós, vais passar fome e morrer. Vais ser comida por um urso. Precisas de nós para sobreviver. Volta, Abelha. Ninguém ficará zangado contigo.” Depois ouvi a mentira quando ela virou a fúria contra os seus seguidores. “Oh, onde está ela? Alaria, sua parva, levanta-te! Nenhum de nós se sente bem, mas, sem ela, não podemos ir para casa!” E depois, deixando a ira vencer: “Abelha! Deixa de ser parva! Vem cá imediatamente! Vindeliar, despacha-te! Se eu consigo correr, tu também consegues! Encontra-a, tolda-a!”

Enquanto estava atrás da árvore, tentando tornar a minha respiração aterrorizada tão silenciosa quanto possível, senti Vindeliar a tentar contactar-me. Empurrei com força para tornar as minhas muralhas de pensamento fortes, como o meu pai me tinha mostrado. Cerrei os dentes e mordi o lábio para o manter no exterior. Ele estava a criar para mim memórias de alimentos doces e mornos e sopa quente e pão cozido de fresco e fragrante. Eu desejava tanto todas essas coisas mas, se o deixasse levar-me a pensar nelas, ele encontraria forma de entrar. Não. *Carne crua. Carne congelada e colada a ossos, para ser roída com os dentes de trás. Ratos com pelo e tudo e os seus craniozinhos estaladiços. Comida de lobo.*

Comida de lobo. Era estranho como ela soava deliciosa. Agarrei no pau com ambas as mãos e esperei. Deveria ficar escondida na esperança de que eles passassem por mim a correr? Ou deveria sair e dar o primeiro golpe?

Não tive hipótese de escolher. Vi Alaria passar aos tropeções pelo meu esconderijo, a várias árvores de distância. Ela parou, olhou estupidamente para a pele branca no chão e depois, quando se virou para gritar aos outros, viu-me. “Ela está aqui! Encontrei-a!” Apontou para mim com uma mão trémula. Separei os pés uma largura de ombros, como se fosse brincar à luta de facas com o meu pai, e esperei. Ela fitou-me e depois deixou-se cair num montinho amarfanhado, deixando o seu casaco branco dobrar-se à sua volta, e não fez nenhum esforço para se levantar.

“Encontrei-a”, gritou numa voz mais fraca. Acenou-me com uma mão sem força.

Ouvi passos à minha esquerda. “Cuidado!”, arquejou Alaria, mas foi demasiado tarde. Brandi o ramo com toda a força que arranjei, acertei na cara de Dwalia, e depois dancei para trás e para a direita, por entre as árvores. Encostei-me a um tronco e voltei a adotar a mesma pose, com o ramo a postos. Dwalia estava a gritar mas recusei-me a olhar para ver se a tinha magoado. Talvez tivesse tido a sorte de lhe dar cabo de um olho. Mas Vindeliar arrastava-se pesadamente na minha direção, com um sorriso estúpido e radiante. “Irmão! Aí estás tu! Estás em segurança. Encontrámos-te.”

“Não te aproximes senão bato-te!”, ameacei. Descobri que não queria magoá-lo. Ele era uma ferramenta da minha inimiga mas eu duvidava que tivesse alguma malícia, se fosse deixado em paz. Não que falta de malícia o impedisse de me fazer mal.

“Irmã-ão”, disse ele, arrastando a palavra com tristeza. Era uma censura, mas gentil. Apercebi-me de que ele irradiava gentileza e carinho por mim. Amizade e conforto.

Não. Ele não era realmente nenhuma dessas coisas. “Fica aí!”, ordenei-lhe.

O calcedino passou por nós, com indolência e a ulular, e não conseguiu perceber se teria sido deliberadamente ou por acidente que deu um encontrão ao homenzinho. Vindeliar tentou evitá-lo, mas tropeçou e estatelou-se com um grito fúnebre, ao mesmo tempo que Dwalia contornava os troncos das árvores. Tinha as mãos estendidas para mim como garras e os lábios recuados, deixando à mostra os dentes ensanguentados como se quisesse capturar-me nas mandíbulas. Brandi o ramo com as duas mãos contra ela, desejando que a arma lhe fizesse saltar a cabeça de entre os ombros. Mas, em vez disso, o ramo partiu-se e a ponta irregular raspou-lhe na cara enrubescida, deixando para trás uma linha de sangue. Ela atirou-se a mim e, mesmo através da roupa desgastada, senti as suas unhas enterrarem-se na minha carne. Arranquei-me, literalmente, das suas mãos. Ela ficou com parte da minha manga enquanto eu me espremia entre os troncos das árvores.

Reppin estava aí à espera. Os seus olhos cinzentos como um peixe encontraram os meus. O ódio deu lugar a uma alegria acéfala quando ela saltou para mim. Esquivei-me para o lado, deixando-a abraçar a árvore

com a cara. E ela embateu, mas era mais ágil do que eu julgara. Um dos seus pés prendeu-se nos meus. Dei um grande salto, libertando-me, mas tropecei no terreno irregular. Alaria tinha voltado a levantar-se. Uivou descontroladamente enquanto se atirava contra mim. O seu peso levou-me ao chão e, antes de me conseguir libertar, senti alguém a pisar-me com força no tornozelo. Soltei um grunhido e depois gritei quando a pressão aumentou. Senti-me como se os ossos estivessem a dobrar-se, como se a qualquer instante fossem partir-se. Tirei Alaria de cima de mim com um empurrão mas, no momento em que me livre dela, Reppin pontapeou-me no flanco, com força, sem se desviar de cima do tornozelo.

O pé dela fez sair todo o ar dos meus pulmões. Lágrimas que odiei surgiram nos meus olhos. Debati-me durante um momento e depois enrolei-me em volta das pernas dela e lutei por a tirar de cima do tornozelo, mas ela agarrou-me no cabelo e sacudiu-me a cabeça com violência. Cabelo foi-me arrancado do couro cabeludo e eu deixei de conseguir focar a visão.

“Espanquem-na.” Ouvi a voz de Dwalia. Tremia com alguma emoção forte. Ira? Dor? “Com isto.”

Cometi o erro de olhar para cima. O primeiro golpe de Reppin com o meu pau partido acertou-me na bochecha, na articulação do maxilar e na orelha, esmagando-a contra o lado da cabeça. Ouvi um sonoro zumbido e o meu próprio guincho. Estava chocada, indignada, ofendida e com tantas dores que me deixaram incapacitada. Esbracejei para me escapar mas ela continuava a segurar-me numa mancha de cabelo. O pau voltou a cair, entre as omoplatas, enquanto eu me debatia para me libertar. Não havia carne suficiente sobre os meus ossos e a blusa não constituía qualquer proteção: a dor do golpe foi seguida pela imediata ardência da pele fendida. Soltei um grande grito e torci-me, estendendo a minha mão para lhe agarrar no pulso e tentar obrigar a dela a soltar-me o cabelo. Ela pôs mais peso sobre o meu tornozelo e só a almofada de húmus florestal evitou que o partisse. Guinchei e tentei empurrá-la de cima de mim.

O pau voltou a cair, mais baixo nas costas, e eu de súbito soube como as costelas se uniam à minha espinha e às colunas gémeas de músculos que desciam ao longo desta, pois tudo isso gritou que algo estava errado.

Aquilo aconteceu tão depressa, e no entanto cada golpe individual foi um acontecimento único na minha vida, para ser recordado para

sempre. Nunca fora tratada com dureza pelo meu pai e, das pouquíssimas vezes que a minha mãe me disciplinara, pouco passara de um safanão ou de uma bofetada ligeira. E sempre para me avisar de perigos, para me acautelar para não tocar no corta-fogo ou estender a mão acima da cabeça para uma panela ao lume. Tivera algumas brigas com crianças em Floresta Mirrada. Fora apedrejada com pinhas e pequenas pedras e uma vez estivera numa luta séria que me deixara ensanguentada. Mas nunca fora espancada por um adulto. Nunca fora segurada de forma dolorosa enquanto uma pessoa crescida tentava causar-me o máximo de dor que conseguisse, independentemente de como isso me pudesse ferir. De súbito percebi que se ela me partisse os dentes ou me fizesse saltar um olho da órbita, ninguém se importaria, exceto eu.

Deixa de ter medo. Deixa de sentir a dor. Luta! O Pai-Lobo estava subitamente comigo, de dentes à mostra e todos os pelos da nuca em pé.

Não posso! Reppin vai matar-me!

Magoa-a também. Morde-a, arranha-a, pontapeia-a. Fá-la pagar por te causar dor. Ela vai bater-te na mesma, portanto tira-lhe da carne o que puderes. Tenta matá-la.

Mas...

Luta!

Deixei de tentar arrancar-lhe a mão do meu cabelo. Em vez disso, quando o pau voltou a cair-me nas costas, atirei-me contra ela, agarrei no pulso da mão que empunhava o pau e puxei-o para a boca. Abri as maxilas o máximo que consegui e depois fechei-as. Mordi-a não para a magoar, não para deixar marcas de dentes ou fazê-la gritar de dor. Mordi-a para lhe chegar ao osso com os dentes, para capturar na boca um bocado de carne e tendões e tentar arrancar-lhos do corpo. Cerrei os maxilares enquanto ela guinchava e me batia com o pau, e depois lacerei-lhe a carne do pulso sacudindo violentamente a cabeça. Ela largou-me o cabelo, deixou cair o pau e pôs-se a dançar, gritando de dor e de medo, mas eu mantive-me agarrada ao seu pulso, com as mãos e os dentes, e pontapeei-lhe as canelas, os pés e os joelhos enquanto ela me arrastava consigo. Tentei fazer os molares encontrar-se cerrando as maxilas e fazendo pender o meu peso do seu braço.

Reppin rugiu e debateu-se. Deixara cair o pau e só pensava em libertar-se. Não era uma pessoa grande; a sua constituição era ligeira e eu tinha entre os dentes um bom bocado da carne fibrosa e do músculo

flácido do seu antebraço. Esforcei-me por cerrar os maxilares. Ela estava a guinchar: “Tirem-na de cima de mim! Tirem-na de cima de mim!” Pôs-me a palma da mão na testa e tentou empurrar-me. Eu deixei e ela gritou quando me ajudou a arrancar-lhe carne dos ossos. Deu-me uma bofetada, mas sem força. Agarrei-a melhor com os maxilares e as mãos. Ela deixou-se cair sobre a terra ainda comigo presa ao seu braço.

Cuidado!, avisou o Pai-Lobo. *Salta para longe!*

Mas eu era uma cria e não vi o perigo, só vira que a minha inimiga caíra à minha frente. Depois Dwalia pontapeou-me com tanta força que a minha boca se abriu de rompante. O pontapé soltou-me de Reppin e atirou-me para a terra húmida. Sem ar em mim, tudo o que pude fazer foi rolar debilmente em vez de me levantar e fugir. Ela pontapeou-me repetidamente. Na barriga, nas costas. Vi a bota que lhe cobria o pé a vir na direção da minha cara.

Quando acordei, estava escuro e frio. Eles tinham conseguido acender uma fogueira mas a sua luz mal me tocava. Eu estava deitada de lado, de costas para o fogo, amarrada de pés e mãos. Tinha a boca salgada de sangue, tanto fresco como semicoagulado. Urinara-me e o contacto do tecido das calças com a minha pele era frio. Perguntei a mim própria se eles me tinham magoado tanto que me urinara ou se estivera tão assustada que o fizera. Não me conseguia lembrar. Acordei a chorar, ou talvez me tenha apercebido de que estava a chorar depois de acordar. Tudo me doía. Tinha a cara inchada de um lado, onde Reppin me atingira com o pau. A minha cara talvez tivesse sangrado, pois tinha folhas mortas coladas à pele. Doíam-me as costas e as costelas engaiolavam inspirações dolorosas.

Consegues mexer os dedos das mãos? Consegues sentir os dos pés?

Consequia.

A barriga dói-te como uma nódoa negra, ou dói como se houvesse coisas partidas lá dentro?

Não sei. Nunca tinha sentido dores como estas. Inspirei mais profundamente e a dor forçou o ar a sair num soluço.

Chiu. Não faças um som, senão vão perceber que estás acordada. Consegues levar as mãos à boca?

Eles tinham-me amarrado os pés um ao outro e atado os pulsos à minha frente. Levei-os à cara. Estavam amarrados com faixas de tecido

arrancado à minha camisa. Isso era parte do motivo por que sentia tanto frio. Embora a primavera tivesse feito uma visita àquele local durante o dia, o inverno reconquistava a floresta de noite.

Rói a atadura até libertares as mãos.

Não consigo. Os meus lábios estavam maltratados e ensanguentados. Os dentes estavam soltos e doridos nas gengivas.

Consegues. Porque tem de ser. Rói a atadura até libertares as mãos e desamarra os pés, e depois vamo-nos embora. Eu mostro-te para onde ir. Há alguém da nossa família não muito longe daqui. Se eu conseguir despertá-lo, ele protege-te. Se não, eu ensino-te a caçar. Em tempos, eu e o teu pai vivemos nestas montanhas. O refúgio que construímos para nós talvez ainda esteja em bom estado. Vamos para lá.

Não sabia que estávamos nas montanhas! Tu viveste nas montanhas com o meu pai?

Vivi. Já aqui tinha estado. Mas basta. Começa a roer.

Doía-me dobrar o pescoço para alcançar a atadura que me prendia as mãos. Doía pressionar os dentes com força suficiente para morder o tecido. A camisa fora boa na manhã em que eu a vestira para ir para as aulas com o Escriba Lante. Uma das criadas, Cautela, ajudara-me a vestir. Fora ela a escolher esta blusa amarela-clara, e por cima dela enfiara uma túnica verde. Apercebi-me de repente de que eram as cores da minha casa. Ela vestira-me com as cores de Floresta Mirrada, mesmo que a túnica fosse demasiado grande para mim e ficasse pendurada em mim como se fosse um vestido, chegando-me quase aos joelhos. Nesse dia usara meias, não as calças acolchoadas que os meus captores me tinham dado para vestir. As calças húmidas. Outro soluço cresceu em mim. Antes de conseguir reprimi-lo, soltei um som.

“...acordada?”, perguntou alguém junto da fogueira. Alaria, pareceu-me.

“Deixa-a como está!”, ordenou Dwalia com rispidez.

“Mas o meu irmão está magoado! Eu sinto a dor dele!” Isto veio de Vindeliar, numa voz baixa e aflita.

“Teu irmão!” As palavras de Dwalia pingavam de veneno. “Só um labrego assexuado como tu para não ser capaz de distinguir o Filho Inesperado da bastarda de algum Branco. Todo o dinheiro que gastámos, todos os luriks que desperdicei, e aquela rapariga é tudo o que podemos mostrar. Estúpidos e ignorantes, vós os dois. Tu julgas que ela é um rapaz,

e ela não sabe o que é. Nem sequer sabe escrever e não presta nenhuma atenção aos sonhos que tem.” Um estranho regozijo encheu-lhe a voz. “Mas eu sei que ela é especial.” E depois a fugidia satisfação desapareceu, substituída por troça. “Duvidem de mim. Não quero saber. Mas é melhor que tenham esperança que haja nela algo de especial, porque é a única moeda que temos para comprar o regresso às boas graças dos Quatro!” Em voz mais baixa acrescentou: “Como Coultrie vai adorar o meu falhanço. E aquela velha cabra da Capra há de o usar como desculpa para qualquer coisa que queira fazer.”

Alaria falou muito baixinho. “Então se ela é tudo o que temos, não devíamos tentar entregá-la em boas condições, talvez?”

“Se tu a tivesses apanhado em vez de caíres ao chão e rolares de um lado para o outro a gemer, talvez nada disto tivesse acontecido!”

“Ouviram aquilo?” Um sussurro desesperado vindo de Reppin. “Ouviram aquilo? Alguém riu agora mesmo. E agora... não ouvem aquelas flautas a tocar?”

“Tens a mente virada do avesso, e tudo porque uma rapariguinha te mordeu! Guarda essas palavras tolas para ti.”

“Eu vi o osso! Tenho o braço todo inchado. A dor pulsa em mim como um tambor!”

Houve uma pausa e eu ouvi o fogo a crepitar. *Fica quieta*, avisou o Pai-Lobo. *Aprende tudo o que puderes escutando*. Depois, com um toque de orgulho, *Vês, mesmo com os teus fracos dentes de vaca, ensinamo-la a temer-te. Tens de ensinar todos a temer-te. Até a velha cadela aprendeu a ter algum cuidado. Mas tens de reforçar a lição. Estas três têm de ser as tuas únicas ideias: Vou escapar. Vou fazê-los temer-me. E, se tiver oportunidade, vou matá-los.*

Elas já me espancaram só por tentar fugir! O que me vão fazer se eu matar alguma?

Vão voltar a espancar-te, a menos que fujas. Mas, como ouviste, tens valor para elas. Portanto é provável que não te matem.

É provável? O terror cobriu-me. Eu quero viver. Mesmo se viver como cativa delas, quero viver.

Pensas que isso é verdade, mas garanto-te que não é. A morte é melhor que a espécie de cativo que planeiam para ti. Eu já fui cativo, um brinquedo de homens sem coração. Fi-los temer-me. Foi por isso que tentaram vender-me. Foi por isso que o teu pai conseguiu comprar a minha liberdade.

Não conheço essa história.

É uma história sombria e triste.

O pensamento é rápido. Foi tanto o que foi transmitido entre o Pai-Lobo e eu na pausa na conversa daquela gente pálida. De súbito soou um grito nas trevas. Aterrorizou-me e obriguei-me a roer mais depressa as amarras. Não que parecesse estar a progredir nessa tarefa. As palavras entarameladas voltaram a soar e reconheci a língua calcedina. Devia ser Kerf, o mercenário calcedino que Vindeliar enfeitiçara para o pôr ao serviço de Dwalia. Perguntei a mim mesma se a mente dele ainda estaria desorientada pela viagem que fizera através do pilar. Perguntei a mim mesma se a sua mão estaria inchada onde eu o mordera. O mais silenciosamente que me foi possível, movi o corpo até conseguir espreitar por entre as trevas. Kerf estava a apontar para um dos antigos pilares verticais na periferia da clareira. Ouvi um guincho de Reppin. “Veem? Veem? Não estou maluca! O Kerf também a vê! Uma fantasma pálida está agachada em cima daquele pilar. Têm de a ver! Não é uma Branca? Mas está vestida de forma tão estranha, e canta uma canção trocista!”

“Não vejo nada!”, gritou Dwalia numa voz zangada.

Vindeliar falou com timidez. “Eu vejo. Há aqui ecos de pessoas de há muito tempo. Havia aqui um mercado. Mas agora que a noite se aproxima, um cantor Branco dá espetáculo para eles.”

“Eu ouço... qualquer coisa”, confirmou Alaria com relutância. “E... e quando atravesssei aquela pedra, as pessoas falaram-me. Disseram coisas horríveis.” Fez uma inspiraçãozinha arquejada. “E esta tarde, quando adormeci, tive um sonho. Um sonho vívido, um sonho que tenho de contar. Perdemos os nossos diários de sonhos quando fugimos aos calcedinos. Não o posso escrever, portanto tenho de o contar.”

Dwalia soltou um som repugnado. “Como se os teus sonhos alguma vez tivessem tido algum valor real. Conta lá, vá.”

Reppin interveio rapidamente, como se as palavras saltassem dela. “Eu sonhei com uma noz num rio violento. Vi alguém a tirá-la da água. A noz foi pousada e atingida muitas vezes numa tentativa de a partirem. Mas ela só se tornou mais grossa e mais dura. Depois alguém a esmagou. Chamas e escuridão e um fedor nojento e gritos saíram dela. As chamas escreveram palavras. ‘Chega o Destruidor que vós fizestes!’ E um grande vento passou por Clerres, pegou em todos nós e espalhou-nos.”

“Chega o Destruidor!”, repetiu o calcedino num grito feliz vindo da escuridão.

“Caluda!”, gritou-lhe Dwalia, e ele riu-se. “E tu, Reppin, cala-te também. Esse não é um sonho que mereça partilha. Não passa da febre a fervilhar-te na mente. Que crianças tão cobardes! Criam sombras e fantasmas na cabeça. Alaria e Reppin, vão buscar mais lenha. Façam uma boa pilha para a noite e depois vão ver como está aquela cabrinha. E não digam nem mais uma palavra sobre este disparate.”

Ouvi Alaria e Reppin entrarem na floresta com passos pesados. Pareceu-me que foram devagar, como se tivessem medo da escuridão. Mas Kerf não lhes prestou nenhuma atenção. De mãos erguidas, arrastou os pés numa dança desajeitada em volta do pilar. Atenta ao poder de Vindeliar, baixei cautelosamente as muralhas. Os zumbidos de abelhas de que estivera consciente transformaram-se em vozes e vi Antigos com roupagens de cores vivas. Os seus olhos cintilavam e os cabelos reluziam como prata polida e anéis de ouro, e dançavam a toda a volta do calcedino, ao ritmo da canção da cantora pálida empoleirada no pilar.

Dwalia fitou Kerf, aborrecida com o seu divertimento. “Porque é que não o consegues controlar?”, perguntou a Vindeliar.

Este fez um gesto impotente. “Ele aqui ouve demasiadas pessoas. As vozes delas são muitas e fortes. Riem e cantam e celebram.”

“Eu não ouço nada!” A voz de Dwalia estava zangada, mas havia nela um fiozinho de medo. “Não serves para nada. Não consegues controlar aquela rapariguinha e agora não consegues controlar um louco. Tinha tanta esperança em ti quando te escolhi. Quanto te dei aquela poção. Como me enganei por a desperdiçar em ti! Os outros tinham razão. Não tens sonhos e não vês nada. És inútil.”

Senti um fino arrepio da consciência de Vindeliar a ser soprado na minha direção. A sua infelicidade bateu contra mim como uma onda. Apertei bem as minhas muralhas e tentei não me importar por ele estar magoado e apesar disso se preocupar comigo. O seu medo de Dwalia, disse eu a mim mesma com ferocidade, era demasiado para me oferecer qualquer auxílio ou reconforto. De que servia um amigo que não correria nenhum risco por mim?

Ele é tão inimigo teu como os outros. Se surgir oportunidade, tens de o matar, tal como matarias qualquer deles. Se algum vier tocar-te, tens de morder, pontapear e arranhar o máximo que conseguires.

Dói-me tudo. Não tenho força. Se tentar defender-me, eles vão bater-me. Mesmo se só fizeres um pouco de dano, vão aprender que tocar-te tem um preço. Alguns não estarão dispostos a pagá-lo.

Não me parece que consiga morder ou matar Vindeliar. Dwalia conseguiria matar. Mas os outros...

Os outros são as ferramentas dela, os seus dentes e garras. Na tua situação não te podes dar ao luxo de mostrar misericórdia. Continua a roer as amarras. Eu falo-te dos dias em que fui cativo. Espancado e engaiolado. Forçado a lutar com cães ou ursos que eram tão infelizes como eu. Deixado à fome. Abre a mente à minha história sobre como fui escravizado e como eu e o teu pai quebrámos as amarras das nossas prisões. Então verás por que motivo tens de matar quando te for dada essa hipótese.

E começou, não um relato, mas uma recordação que eu partilhei. Foi como lembrar-me de coisas que sempre soubera, mas num detalhe escaldante. Ele não me poupou às suas memórias da família morta, de espancamentos e fome, e uma gaiola apertada e fria. Não suavizou o quanto odiava os captos ou como de início odiara o meu pai, mesmo quando o meu pai o libertara. Nessa altura o ódio fora o seu hábito, e fora o ódio a alimentá-lo e a mantê-lo vivo quando nada mais existia.

Eu nem metade da torcida de tecido roera ainda quando Dwalia mandou Alaria levar-me para junto da fogueira. Fingi-me de morta até ela estar debruçada por cima de mim. Ela pousou-me uma mão no ombro. “Abelha?”

Virei-me, saltei e mordi. Prendi a mão dela nos meus dentes, mas só por um momento. A minha boca estava demasiado dorida e ela arrancou-me a mão da boca com um grito e saltou para trás. “Ela mordeu-me!”, gritou aos outros. “A sacaninha mordeu-me!”

“Dá-lhe um pontapé!”, ordenou Dwalia e Alaria simulou atacar-me com o pé, mas o Pai-Lobo tinha razão. Ela temia aproximar-se demasiado. Rolei para longe dela e, apesar dos gritos do meu maltratado corpo, consegui sentar-me. Fitei-a furiosamente com o meu olho bom e afastei dos dentes os lábios feridos. Não sei até que ponto ela conseguia ver aquilo sob a dança da luz da fogueira, mas não se aproximou de mim.

“Ela está acordada”, informou Alaria, como se eu a pudesse ter mordido a dormir.

“Arrasta-a para aqui.”

“Ela vai voltar a morder-me!”

Dwalia levantou-se. Movia-se rigidamente. Mantive-me imóvel, pronta para evitar o seu pontapé ou para atacar com os dentes, se pudesse. Fiquei contente por ver que lhe enegrecera os olhos e rasgara a pele de uma das bochechas. “Escuta, minha patifória”, rosnou. “Tu podes evitar uma surra, mas só se me obedeceres. Está claro?”

Ela negoceia. Isso quer dizer que te teme.

Fitei-a sem uma palavra, sem deixar que nada se revelasse na minha cara. Ela aproximou-se mais, estendendo a mão para o peito da minha camisa. Mostrei os dentes sem um som e ela puxou a mão para trás. Falou como se eu tivesse concordado em obedecer-lhe. “A Alaria vai libertar-te os tornozelos. Vamos levar-te para perto da fogueira. Se tentares fugir, juro que te mutilo.” Não esperou resposta. “Alaria, corta o pano que lhe prende os tornozelos.”

Espetei os pés na sua direção. Reparei que Alaria tinha uma faca de cinto muito boa. Perguntei a mim mesma se conseguiria arranjar forma de a tornar minha. Ela demorou a conseguir cortar o tecido que me amarrava e eu surpreendi-me com o quanto me doeu. Quando finalmente conseguiu cortá-lo, eu esperee para libertar os pés e depois senti um formigueiro quente muito desagradável quando os pés voltaram à vida. Estaria Dwalia a tentar-me a fugir para ter uma desculpa para me bater outra vez?

Ainda não. Ganha mais força. Aparenta estar mais fraca do que estás.

“Levanta-te e caminha!”, ordenou-me Dwalia. Afastou-se de mim a passos largos, como se quisesse mostrar-me como estava certa da minha obediência.

Ela que estivesse certa da minha rendição. Haveria de descobrir como escapar-lhe. Mas o lobo tinha razão. Ainda não. Levantei-me, mas muito devagar, levando o meu tempo a equilibrar-me. Tentei endireitar-me como se não tivesse a barriga cheia de facas quentes. Os pontapés dela tinham magoado qualquer coisa dentro de mim. Perguntei a mim mesma quanto tempo levaria a sarar.

Vindeliar aproximara-se mais de nós. “Oh, irmão”, lamentou tristemente, ao ver a minha cara quebrada. Fitei-o e ele afastou o olhar. Tentei parecer desafiadora em vez de manietada pela dor quando caminhei na direção da fogueira.

Era a primeira oportunidade que eu tinha de olhar bem para o que me rodeava. O pilar trouxera-nos para um vale aberto no coração de uma

floresta. Havia dedos de neve a minguar por entre as árvores, mas esta estava inexplicavelmente ausente na praça e nas estradas que a ela levavam e dela partiam. Árvores tinham crescido até grande altura ao longo dessas estradas, e os seus ramos arqueavam sobre elas e entrelaçavam-se em alguns pontos. Mas também as estradas estavam em grande medida limpas de detritos florestais e de neve. Ninguém mais reconheceria como isso era estranho? Árvores de folha perene com ramos baixos e descendentes rodeavam o valezinho onde a gente de Dwalia tinha feito a sua fogueira. Não. Não era um vale. Raspei com os pés nalguma espécie de pavimento em pedra. A área aberta era parcialmente limitada por um muro baixo de pedra trabalhada, no qual estavam incluídos vários pilares. Vi algo no chão. Parecia uma luva, uma luva que tivesse passado parte do inverno debaixo da neve. Mais à frente vi um bocado de couro, talvez de uma correia. E depois um chapéu de lã.

Apesar das dores que tinha no corpo, baixei-me devagar para pegar nele, fingindo precisar de um momento para abraçar a barriga. Perto da fogueira, eles fingiam não me observar, como gatos em posição perto do buraco de um rato. O chapéu estava húmido, mas até a lã húmida é quente. Tentei sacudi-lo para fazer cair as agulhas de pinheiro, mas os braços doíam-me demasiado. Perguntei a mim mesma se alguém teria trazido o meu pesado casaco de peles de volta para o acampamento. Agora que estava levantada e em movimento, o frio da quase primavera fazia-me lembrar de cada pisadura dorida. O frio alcançava-me a pele, introduzindo-se nos pontos onde eles tinham arrancado faixas à minha camisa.

Ignora isso. Não penses no frio. Usa os outros sentidos.

Eu pouco conseguia ver para lá do alcance da luz dançarina da fogueira. Inspirei pelo nariz. A humidade que se evolava da terra trazia consigo ricos odores. Cheirou-me a terra escura e a agulhas caídas de abeto. E a madressilva.

Madressilva? Nesta altura do ano?

Expira pela boca e inspira lentamente pelo nariz, aconselhou-me o Pai-Lobo.

Obedeci. Virei a cabeça lentamente apesar da rigidez do pescoço, seguindo o odor. Ali. Um cilindro pálido e estreito, meio coberto por um bocado de tela rasgada. Tentei baixar-me, mas os joelhos dobraram-se e quase fui de cara ao chão. Peguei desajeitadamente na vela com as mãos atadas. Estava partida, unida apenas pelo pavio, mas reconheci-a. Levei-a

à cara e cheirei o resultado do trabalho da minha mãe. “Como pode isto estar aqui?”, perguntei baixinho à noite. Olhei para o banal bocado de tela. Ali perto via-se uma luva rendada de senhora, ensopada e bolorenta. Não reconheci nenhuma dessas coisas, mas conhecia aquela vela. Poderia estar enganada? Poderiam outras mãos ter colhido a cera de abelha, aromatizando-a depois com flores de madressilva? Poderiam outras mãos ter mergulhado pacientemente os longos pavios no pote de cera, uma e outra vez, para formar uma vela tão elegante? Não. Aquilo era trabalho da minha mãe. Era possível que eu tivesse ajudado a fazer aquela vela. Como tinha ela vindo parar ali?

O teu pai esteve aqui.

Isso é possível?

É a resposta menos impossível que consigo imaginar.

A vela dobrou-se em duas quando a enfiei na camisa. Senti a cera gelada contra a pele. Minha. Ouvia Vindeliar a arrastar os pés na minha direção. Pelo canto do olho, vi Dwalia a estender as mãos para o calor da fogueira. Virei o olho bom para eles. Reppin tinha o meu grande casaco de peles. Ela dobrara-o para formar uma almofada e estava sentada sobre ele junto da fogueira, ao lado de Alaria. Viu-me a olhar e dirigiu-me um esgar de troça. Fitei-lhe o braço e depois ergui o olhar para lhe sorrir. A mão exposta era uma gorda almofada com dedos como salsichas. Via-se sangue escuro entre os seus dedos e nas rugas dos nós dos dedos. Seria possível que ela não tivesse tido o bom senso de lavar a mordida?

Avancei lentamente para o maior intervalo no círculo que elas faziam e sentei-me aí. Dwalia levantou-se e veio pôr-se atrás de mim. Recusei-me olhar para ela. “Esta noite não recibes comida. Não julgues que nos podes fugir. Não podes. Alaria, ficas com a primeira velada. Acorda a Reppin para a segunda. Não deixem Abelha fugir, senão vão pagar por isso.”

E afastou-se para o sítio onde tinham empilhado as mochilas e as provisões que tinham trazido consigo. Não havia muito. Tinham fugido ao ataque de Ellik com aquilo que haviam conseguido recolher à pressa. Dwalia fez para si uma almofada granulosa com as mochilas e recostou-se nelas sem qualquer preocupação com o conforto dos outros. Reppin olhou em volta com matreirice e depois estendeu o meu casaco aberto antes de se deitar nele e enrolar o excedente à sua volta. Vindeliar fitou-as e depois limitou-se a deixar-se cair como um cão. Apoiou a cabeça larga na almofada dos braços e fitou lugubrememente o fogo. Alaria

sentou-se de pernas cruzadas, fitando-me com olhos furiosos. Ninguém prestou a mínima atenção ao calcedino. Com as mãos acima da cabeça, ele estava a dançar uma espécie de jiga em círculo, escancarando a boca num acéfalo desfrute da música fantasmagórica. O seu cérebro podia estar atordoado mas era um excelente dançarino.

Perguntei a mim mesma onde estaria o meu pai. Pensaria ele em mim? Teria Esquiva voltado para Floresta Mirrada para lhe dizer que eu tinha sido levada para dentro de uma pedra? Ou teria ela morrido na floresta? Se tivesse morrido, ele nunca saberia o que me tinha acontecido ou onde procurar. Estava com frio e com muita fome. E tão perdida.

Se não podes comer, dorme. O repouso é a única coisa que podes oferecer a ti própria neste momento. Aceita-o.

Olhei para o chapéu que tinha recuperado. Simples lã cinzenta, não tingida mas bem fiada e com a malha bem feita. Sacudi-o para me assegurar de que não havia insetos lá dentro e depois, ainda com as mãos amarradas, lutei por enfiá-lo na cabeça. A humidade estava gelada, mas a minha pele aquecia-a lentamente. Manobrei até conseguir uma posição reclinada sobre o lado menos dorido e virei costas ao fogo. O calor do meu corpo despertara o odor da vela. Inspirei madressilva. Enrolei-me ligeiramente como se estivesse em busca do sono, mas levei os pulsos à cara e recomecei a roer o tecido.

CAPÍTULO 2

O Toque de Prata

Existe uma força peculiar que insufla alguém que está a travar a derradeira batalha. Essa batalha não está limitada à guerra nem a força aos guerreiros. Vi esta força em velhas com a doença da tosse e ouvi falar dela em famílias a morrer juntas à fome. Ela leva uma pessoa a continuar, para lá da esperança ou do desespero, para lá da perda de sangue e de ferimentos no ventre, para lá da própria morte, num derradeiro esforço para salvar alguma coisa querida. É coragem sem esperança. Durante a Guerra dos Navios Vermelhos, vi um homem com o sangue a jorrar em jatos de onde o braço esquerdo tinha estado mas a brandir a espada com o direito enquanto protegia um camarada caído. Durante um recontro com Forjados, vi uma mãe a tropeçar nas próprias entranhas enquanto guinchava e se agarrava a um Forjado, tentando mantê-lo afastado da filha. Os Ilhéus têm uma palavra para essa coragem. Chamam-lhe ultimangue, o último sangue, e acreditam que uma especial fortaleza de espírito reside no derradeiro sangue que permanece em qualquer pessoa antes de cair. De acordo com as lendas, só assim se pode encontrar e usar essa espécie de coragem. É uma terrível bravura e, na sua mais forte e pior variedade, perdura durante meses quando se combate uma enfermidade terminal. Ou, creio eu, quando se avança para cumprir um dever que irá resultar na morte mas é completamente inevitável. Esse ultimangue ilumina com uma terrível radiância tudo na vida de uma pessoa. Todas as relações são iluminadas mostrando aquilo que realmente são e foram no passado. Todas as ilusões desaparecem. O falso é revelado com tanta nitidez como o verdadeiro.

FitzCavalaria Visionário

Enquanto o sabor da erva se espalhava pela minha boca, os sons do tumulto que me rodeava tornaram-se mais volumosos. Ergui a cabeça e tentei focar os olhos. Sentia-os a picar. Apoiei-me nos braços de Lante, com a familiar amargura do casco-de-elfo a espalhar-se-me pela boca. Enquanto a erva me amortecia a magia, fui ficando mais consciente daquilo que me rodeava. O pulso esquerdo doía-me com uma dor que chegava ao osso, tão aguda como ferro gelado. Enquanto o Talento corria através de mim, sarando e alterando as crianças de Kelsingra, a minha consciência tinha encolhido, mas agora apercebia-me perfeitamente dos gritos da multidão que me rodeava enquanto o som ia ricocheteando nas grandiosas paredes da elegante sala dos Antigos. Captei o cheiro a suor de medo que havia no ar. Estava preso na pressão da multidão, com alguns Antigos a debater-se para se afastarem de mim enquanto outros empurravam para se aproximar, na esperança de que eu pudesse sará-los. Tanta gente! Mãos estendidas para mim, com gritos de “Por favor! Por favor, só mais uma pessoa!”. Outros gritavam: “Deixai-me passar!”, enquanto empurravam para se afastarem de mim. A corrente de Talento que fluía tão fortemente à minha volta e através de mim reduzira-se, mas não tinha desaparecido. O casco-de-elfo de Lante era do tipo mais fraco, erva crescida nos Seis Ducados e, a avaliar pelo sabor, algo velha. Ali, na cidade dos Antigos, o Talento fluía tão fortemente e tão próximo que me parecia que nem o casco-de-covas teria conseguido isolar-me dele por completo.

Mas era o suficiente. Eu estava consciente do Talento mas já não me encontrava agrilhado ao seu serviço. Contudo, a exaustão de o ter deixado usar-me enfraquecia-me agora os músculos, precisamente no momento em que eu mais precisava deles. O General Rapskal tinha arrancado o Bobo para fora do meu alcance. O Antigo agarrava o pulso de Âmbar e mantinha a sua mão prateada erguida, gritando: “Eu disse-vos! Eu disse-vos que eles eram ladrões! Olhai para a mão dela, coberta de prata-de-dragão! Ela descobriu o poço! Roubou os nossos dragões!”

Centelha agarrava-se ao outro braço de Âmbar, tentando libertá-la das mãos do general. Os dentes da rapariga estavam à mostra, os caracóis negros em desordem à volta da sua cara. A expressão de puro terror na cara coberta de cicatrizes de Âmbar paralisou-me e deixou-me em pânico. Os anos de provação que o Bobo sofrera revelavam-se naquele esgar hirto. Transformavam-lhe a cara numa máscara mortuária de ossos

e lábios vermelhos e bochechas maquiadas. Eu tinha de ir em seu auxílio, mas os meus joelhos não paravam de se dobrar de moto próprio. Perseverança agarrou-me no braço. “Príncipe FitzCavalaria, o que devo fazer?” Não consegui encontrar fôlego para lhe responder.

“Fitz! Levantai-vos!”, rugiu Lante mesmo junto ao meu ouvido. Era tanto súplica como ordem. Encontrei os pés e empurrei contra eles o meu peso. Esforcei-me, trémulo, tentando manter as pernas direitas por baixo de mim.

Tínhamos chegado a Kelsingra apenas na véspera e, durante algumas horas, eu fora o herói do momento, o príncipe mágico dos Seis Ducados que sarara Ephron, o filho do rei e da rainha de Kelsingra. O Talento fluíra através de mim, tão inebriante como brande de Orla d’Areia. A pedido do Rei Reyn e da Rainha Malta, eu usara a minha magia para corrigir meia dúzia de crianças tocadas pelos dragões. Abrira-me à poderosa corrente de Talento da velha cidade dos Antigos. Ensopado com aquele poder inebriante, eu abrira gargantas e regularizara ritmos cardíacos, endireitara ossos e afastara escamas de olhos. Tornara alguns mais humanos, embora uma rapariga tivesse desejado abraçar as suas mudanças dracónicas e eu a tivesse ajudado a fazê-lo.

Mas o fluxo de Talento fora demasiado forte, demasiado inebriante. Eu perdera o controlo da magia, transformara-me na sua ferramenta em vez de ser seu mestre. Depois de as crianças que eu concordara sarar serem reclamadas pelos pais, outros tinham avançado aos empurrões. Adultos dos Ermos Chuvosos com alterações desconfortáveis, feias ou perigosas para as suas vidas tinham suplicado a minha ajuda e eu dera-a com mão pródiga, arrebatado pelo vasto prazer daquele fluxo. Sentira o meu último resquício de controlo a ceder, mas quando me entregara àquela gloriosa inundação e ao seu convite para me fundir com a magia, Âmbar tirara a luva da mão. Para me salvar, revelara a prata-de-dragão que tinha nos dedos. Para me salvar, encostara três escaldantes pontas de dedos ao meu pulso nu, abrira a fogo o caminho até à minha mente e chamara-me de volta. Para me salvar, denunciara-se como ladra. O quente beijo do toque dos seus dedos ainda pulsava como uma queimadura recente, fazendo subir uma profunda dor pelos ossos do meu braço esquerdo, até ao ombro, até às costas e ao pescoço.

Não podia saber que danos aquilo estava a fazer-me agora. Mas pelo menos encontrava-me outra vez ancorado ao meu corpo. Estava ancorado a

ele e ele arrastava-me para baixo. Perdera a conta a quantos Antigos tocara e alterara, mas o meu corpo continuava a contá-los. Cada um custara-me um preço, cada mudança arrancara-me força, e agora essa dívida tinha de ser paga. Apesar de todos os meus esforços, a minha cabeça tombava, e eu mal conseguia manter os olhos abertos no meio do perigo e do ruído que me rodeava por todos os lados. Via a sala como que através de uma névoa.

“Rapskal, deixa de ser imbecil!” Era o Rei Reyn a acrescentar o seu rugido à barulheira.

Lante apertou abruptamente o abraço em volta do meu peito, endireitando-me melhor à força. “Largai-a!”, berrou. “Libertai a nossa amiga, senão o príncipe irá desfazer todas as curas que operou! Largai-a imediatamente!”

Ouvi arquejos, lamentos, um homem a gritar: “Não! Ele não pode fazer isso!” Uma mulher gritou: “Largai-a, Rapskal! Largai-a!”

A voz de Malta ressoou com comando quando bradou: “Não é assim que tratamos hóspedes e embaixadores! Liberta-a, Rapskal, neste mesmo momento!” Tinha o rosto afogueado e a crista de pele por cima da sua testa florescia de cor.

“Largai-me!” A voz de Âmbar ressoou com autoridade. Ela fora buscar a algum profundo poço de coragem a vontade de resistir em seu próprio nome. O seu grito cortou o ruído da multidão. “Libertai-me, senão toco-vos!” E cumpriu a ameaça, atirando-se a Rapskal em vez de tentar libertar a mão. A súbita inversão chocou-o, e os dedos prateados dela aproximaram-se perigosamente da cara do Antigo. O general soltou um grito de alarme e afastou-se dela enquanto lhe largava o pulso. Mas ela não terminara. “Para trás, todos!”, ordenou. “Dai-nos espaço e deixai-me cuidar do príncipe, senão, por Sa, eu toco-vos *mesmo!*” O seu comando era o de uma rainha enfurecida, com a voz colocada de forma a que a ameaça fosse ouvida. O dedo prateado apontava enquanto ela o brandia num arco lento, e as pessoas puseram-se subitamente a tropeçar umas nas outras, na pressa de sair do seu alcance.

A mãe da rapariga com os pés de dragão falou. “Eu faria o que ela diz!”, avisou. “Se aquilo que tem nos dedos for realmente prata-de-dragão, um toque quererá dizer uma morte lenta. Ela vai chegar-vos aos ossos, trespassando a carne. Viajará pelos vossos ossos, subindo-vos a espinha até chegar ao crânio. Acabarão por ficar gratos por morrer.” Enquanto os outros se iam afastando de nós, ela começou a abrir caminho pela

multidão na nossa direção. Não era uma pessoa grande, mas os outros guardiães de dragões estavam a abrir-lhe alas. Parou a uma distância segura de nós. O seu dragão dera-lhe um padrão de azul, negro e prateado. As asas que lhe pesavam nos ombros estavam bem dobradas sobre as costas. As garras nos dedos dos pés tamborilavam no chão enquanto ela caminhava. De todos os Antigos presentes, ela era a mais fortemente modificada pelo toque do seu dragão. O seu aviso e a ameaça de Âmbar abriram um pequeno espaço à nossa volta.

Âmbar retirou-se para junto de mim, arquejando enquanto procurava acalmar a respiração. Centelha estava do seu outro lado e Perseverança ocupou uma posição à sua frente. A voz de Âmbar soou baixa e calma quando disse: “Centelha, recupera a minha luva, se fizeres favor.”

“Claro, senhora.” O objeto pedido caíra ao chão. Centelha baixou-se e pegou nele cautelosamente, com dois dedos. “Vou tocar-vos no pulso”, disse a Âmbar, num aviso, e deu pancadinhas nas costas da mão dela para a guiar até à luva. Âmbar ainda respirava de forma irregular enquanto enluvava a mão mas, fraco como eu estava, fiquei imensamente contente por ver que ela recuperava alguma da força e da presença de espírito do Bobo. Enfiou a mão não prateada no meu braço e eu senti-me tranquilizado pelo seu toque. Ele pareceu afastar parte da corrente de Talento que ainda estava a percorrer-me. Senti-me simultaneamente ligado a ela e menos agredido pelo Talento.

“Acho que consigo manter-me em pé”, murmurei a Lante e ele aliviou a força com que me segurava. Não podia deixar que alguém visse como a força se me tinha esgotado. Esfreguei os olhos e limpei da cara pó de casco-de-elfo. Os joelhos não se me dobraram e consegui erguer firmemente a cabeça. Endireitei-me. Desejava fortemente ter na mão a faca que trazia na bota mas sabia que, se me baixasse para lhe pegar, não pararia até me estatelar no chão.

A mulher que avisara os outros avançou para o espaço vazio que agora nos rodeava, mas ficou fora de alcance de um braço. “Senhora Âmbar, é realmente prata-de-dragão que tendes na mão?”, perguntou com um calmo temor.

“É!” O General Rapskal encontrara a coragem e foi colocar-se ao lado dela. “E roubou-o do poço dos dragões. Tem de ser punida! Guardiães e povo de Kelsingra, não podemos deixar-nos seduzir pela cura de algumas crianças! Nem sequer sabemos se esta magia vai durar ou é uma fraude.

Mas todos vimos a prova do roubo desta intrusa e sabemos que o nosso dever primordial é, e terá sempre de ser, para com os dragões que travaram amizade connosco.”

“Falai por vós, Rapskal.” A mulher dirigiu-lhe um olhar frio. “O meu dever primordial é para com a minha filha e ela já não cambaleia quando se põe em pé.”

“Deixais-vos comprar assim tão facilmente, Thymara?”, perguntou Rapskal num tom contundente.

O pai da criança penetrou no círculo para se ir pôr ao lado da mulher chamada Thymara. A rapariga com os pés de dragão ia empoleirada nos seus ombros e olhou-nos do alto. Ele falou como se repreendesse uma criança teimosa, com uma censura tingida de familiaridade. “Vós, entre todas as pessoas, Rapskal, devíeis saber que Thymara não pode ser comprada. Respondei-me ao seguinte: quem foi prejudicado pelo facto de esta senhora ter prateado os dedos? Só ela. Irá morrer disso. Portanto, o que é que lhe podeis fazer de pior? Deixai-a em paz. Deixai-os a todos em paz, e deixai-os em paz com os meus agradecimentos.”

“Ela roubou!” O grito de Rapskal transformou-se num guincho que atirava a sua dignidade ao vento.

Reyn conseguira atravessar a multidão à cotovelada. A Rainha Malta viera logo atrás dele, com a cara rosada sob as escamas e os olhos incendiados de ira. As alterações dracónicas que nela havia eram amplificadas pela sua fúria. Via-se nos seus olhos uma refulgência que não era humana e a crista de pele na risca do cabelo parecia mais alta; fazia-me lembrar uma crista de galo. Foi ela a primeira a falar. “As minhas desculpas, Príncipe FitzCavalaria, Dama Âmbar. Os nossos descontrolaram-se na esperança de serem sarados. E o General Rapskal às vezes é...”

“Não faleis por mim!”, interrompeu o general. “Ela roubou Prata. Vimos a prova e não, não basta que se tenha envenenado. Não podemos deixar que saia de Kelsingra. Nenhum deles pode sair, pois agora conhecem o segredo do poço dos dragões!”

Âmbar falou. Soou calma mas projetou as palavras de tal forma que todos a conseguiram ouvir. “Creio que já havia Prata nos meus dedos antes de terdes nascido, General Rapskal. Antes de os vossos dragões eclodirem, antes de Kelsingra ser encontrada e reivindicada já eu trazia nos dedos aquilo a que nos Seis Ducados chamamos Talento. E a vossa rainha pode atestá-lo.”

“Ela não é nossa rainha e ele não é nosso rei!” O peito do General Rapskal oscilava com a emoção; ao longo do pescoço, manchas de escamas mostravam um tom de escarlate bem vivo. “Foi o que disseram, uma e outra vez! Disseram que tínhamos de nos governar a nós próprios, que não passam de figuras de proa perante o resto do mundo. Portanto, guardiães, governemo-nos a nós mesmos! Vamos pôr os nossos dragões em primeiro lugar, como devemos fazer!” Sacudiu um dedo na direção da Dama Âmbar, a uma distância segura, enquanto exigia aos seus: “Lembraí-vos de como nos foi difícil encontrar e renovar o poço de Prata! Quereis acreditar na história ridícula dela sobre trazê-la nas pontas dos dedos há dezenas de anos, sem que por causa disso tenha morrido?”

A voz pesarosa da Rainha Malta cortou a arenga de Rapskal. “Lamento dizer que não posso atestar tal coisa, Dama Âmbar. Só vos conheci brevemente durante o tempo que passastes em Vilamonte, e raramente vos encontrei durante as negociações dos vossos empréstimos a muitos dos Mercadores.” Abanou a cabeça. “A palavra de uma Mercadora é tudo o que tem para dar e eu não vergarei a minha, mesmo para ajudar uma amiga. O mais que posso dizer é que, quando vos conheci nesses tempos, andáveis sempre enluvada. Nunca vos vi as mãos.”

“Ouviste-la!” O grito de Rapskal foi triunfal. “Não existe nenhuma prova! Não pode haver nenhuma...”

“Se me derdes licença para falar...” Durante anos, enquanto bobo do Rei Sagaz, o Bobo tivera de fazer com que até os comentários murmurados fossem ouvidos numa sala grande e por vezes repleta de gente. Levantara a voz para que se projetasse e ela agora cortara não só o grito de Rapskal, mas também os resmungos da multidão. Um silêncio fervilhante preencheu a sala. Ele não se moveu como um cego quando avançou para o espaço que a sua ameaça esvaziara. Era um artista a subir ao palco. O artista transparecia na súbita elegância dos seus movimentos, na voz de contador de histórias e no gesto amplo da sua mão enluvada. Para mim era o Bobo, e Âmbar não passava de uma camada na sua representação.

“Lembraí-vos de um dia de verão, querida Rainha Malta. Não passáveis de uma rapariga, e tudo estava em desordem na vossa vida. Todas as esperanças da vossa família na sobrevivência financeira dependiam do lançamento bem-sucedido do *Modelo Ideal*, um navio vivo tão louco que já por três vezes se virara e matara toda a tripulação. Mas o navio louco

era a vossa única esperança, e a família Vestrit depositara tudo o que restava dos seus recursos nesse resgate e recuperação.”

Tinha-os na mão — e a mim. Eu estava tão arrebatado pela sua história como qualquer dos restantes.

“A vossa família esperava que o *Modelo Ideal* fosse capaz de encontrar e trazer para junto de vós o vosso pai e irmão, ambos há tanto tempo desaparecidos. Que de alguma forma conseguísseis reclamar *Vivácia*, o navio vivo da vossa família, pois havia boatos de que ela fora capturada por piratas. E não uns piratas quaisquer, mas o lendário Capitão Kennit em pessoa! Estáveis no convés do navio louco, mostrando uma expressão tão corajosa com o vosso vestido remodelado e a sombrinha do ano anterior. Quando todos os outros desceram para fazer uma visita ao navio, vós ficastes no convés e eu fiquei perto de vós para vos vigiar como a vossa tia Alteia pedira.”

“Lembro-me desse dia”, disse lentamente Malta. “Foi a primeira vez que realmente falámos uma com a outra. Lembro-me... nós falámos do futuro. Do que ele podia ter reservado para mim. Dissestes que uma vida pequena nunca me satisfaria. Dissestes que eu teria de conquistar o meu futuro. Como foi que o expressastes?”

A Dama Âmbar sorriu, contente por aquela rainha se lembrar de palavras que lhe tinham sido dirigidas em criança. “O que vos disse é tão verdade hoje como era nessa época. O amanhã deve-vos a soma dos vossos ontens. Nada mais do que isso. E nada menos.”

O sorriso de Malta foi como a luz do sol. “E avisastes-me de que por vezes as pessoas desejavam que o amanhã não lhes pagasse tão completamente.”

“Avisei.”

A rainha avançou, tornando-se parte do espetáculo sem dar por isso, ao ocupar o seu lugar no palco de Âmbar. A testa franziu-se-lhe e falou como uma mulher num sonho. “E depois... o *Modelo Ideal* sussurrou-me. E eu senti... oh, nessa altura não o sabia. Senti o dragão *Tintaglia* capturar os meus pensamentos. Senti que ela me ia sufocar quando me forçou a partilhar o seu confinamento na sepultura! E eu desmaiei. Foi terrível. Senti-me encurralada com o dragão e senti que nunca conseguiria encontrar o caminho de regresso ao meu corpo.”

“Eu apanhei-vos”, disse Âmbar. “E toquei-vos, na parte de trás do pescoço, com os meus dedos cobertos de Talento. Prateados, como vós

diríeis. E, através dessa magia, chamei-vos de volta ao vosso corpo. Mas isso deixou em vós uma marca. E um minúsculo fiozinho de ligação que partilhamos até hoje.”

“O quê?” Malta estava incrédula.

“É verdade!” As palavras saltaram da boca do Rei Reyn, em conjunto com uma gargalhada nascida tanto de alívio como de alegria. “Na parte de trás do teu pescoço, querida! Eu vi-a aí nos tempos em que o teu cabelo era tão negro como a asa de um corvo, antes de *Tintaglia* o tornar dourado. Três ovais acinzentadas, como dedadas de prata que a idade tivesse empoeirado.”

A boca de Malta abriu-se de surpresa. Perante as palavras dele, a sua mão saltara para a parte de trás do pescoço, por baixo da cascata de um glorioso cabelo dourado que não era louro. “Sempre houve aqui um sítio dorido. Como uma nódoa negra que nunca tivesse sarado.” De repente, ela ergueu a cascata de madeixas e segurou-as no topo da cabeça. “Vinde ver, todos os que quiserdes, vinde ver se o que o meu marido e a Senhora Âmbar dizem é verdade.”

Eu fui um dos que o fizeram. Avancei a cambalear, ainda apoiado a Lante, para ver as mesmas marcas que em tempos trouxera no pulso. Três ovais acinzentadas, a marca da mão prateada do Bobo. Estavam lá.

A mulher chamada Thymara fez uma expressão consternada quando chegou a sua vez de fitar a nuca da rainha. “É um espanto que não vos tenha matado”, disse numa voz surda.

Julguei que aquilo poria fim ao assunto, mas depois de o General Rapskal levar três vezes mais tempo do que qualquer outra pessoa a fitar as marcas, virou costas à rainha e disse: “Que importância tem se ela tinha a Prata nessa altura? A prata do poço pertence aos dragões. Deve ser punida na mesma.”

Endireitei as costas e retesei a barriga. A minha voz não podia tremer. Uma inspiração mais profunda para que as minhas palavras fossem projetadas. Esperei não vomitar. “Não veio de um poço. Veio das mãos do próprio Rei Verdade, que ele cobriu de Talento para produzir a sua grande e derradeira magia. Ele obteve-o num local onde um rio de Talento corria no interior de um rio de água. Não lhe chameis Prata-de-Dragão. É Talento do rio de Talento.”

“E onde poderá isso ficar?”, perguntou Rapskal numa voz tão faminta que me alarmou.

“Não sei”, respondi com honestidade. “Só o vi uma vez, num sonho de Talento. O meu rei nunca me permitiu que lá fosse consigo para evitar que eu cedesse à tentação de me mergulhar nele.”

“Tentação!” Thymara estava chocada. “Eu, que tenho o privilégio de usar a Prata para fazer trabalhos para a cidade, não sinto nenhuma tentação de me mergulhar nela. Na verdade, temo-a.”

“Isso é porque não nascestes com ela a correr-vos no sangue”, disse o Bobo, “como acontece com alguns da linhagem Visionário. Como aconteceu com o Príncipe FitzCavalaria, nascido com o Talento como magia dentro de si, uma magia que é capaz de usar para dar forma a crianças como alguns poderiam dar a pedra.”

Aquilo emudeceu-os.

“Será possível?” Isto veio da Antiga alada, uma pergunta genuína.

Âmbar voltou a erguer a voz. “A magia que trago nas mãos é a mesma que me foi acidentalmente oferecida pelo Rei Veracidade. É legitimamente minha, não é mais roubada do que a magia que corre nas veias do príncipe, a magia que o autorizastes alegremente a partilhar com os vossos filhos. Não é mais roubada do que a magia que tendes em vós, que vos altera e marca as vossas crianças. Como lhe chamais? Marcados pelos Ermos Chuvosos? Alterados pelos dragões? Se esta Prata nos meus dedos é roubada, ora, então qualquer um daqueles presentes que foi sarado partilhou do roubo do príncipe.

“Isso não desculpa...”, começou Rapskal.

“Basta disto”, ordenou o Rei Reyn. Vi os olhos de Rapskal relampejar de fúria, mas ele não falou enquanto Reyn acrescentava: “Abusámos dos nossos hóspedes e deixámo-los exaustos. Exigimos ao príncipe em demasiada quantidade aquilo que ele partilhou livremente. Podeis ver como está pálido e como treme. Por favor, meus hóspedes, regressai aos vossos aposentos. Deixai que vos levemos a ambos uma refeição ligeira e o nosso sincero pedido de desculpa. Mas, acima de tudo, deixai que vos ofereçamos os nossos agradecimentos.”

Avançou e, com um gesto, afastou Perseverança para o lado. Atrás dele, veio a Rainha Malta, oferecendo destemidamente o braço a Âmbar. Reyn agarrou-me no braço com uma força surpreendente. Dei por mim um pouco humilhado mas grato pela ajuda. Consegui olhar uma vez para trás e ver Malta e Centelha a escoltar Âmbar enquanto Per vinha atrás de todos, devagar e com muitos olhares para trás, como se estivesse

desconfiado de que o perigo nos seguiria, mas as portas fecharam-se atrás de nós sem incidentes. Percorremos um corredor cheio de pessoas curiosas que tinham sido excluídas daquela audiência. Depois ouvi as portas abrir-se atrás de nós, e uma rajada de conversas jorrou para fora e transformou-se num rugido. O corredor parecia interminável. As escadas, quando lá chegámos, oscilavam na minha visão. Não conseguia imaginar que seria capaz de as subir. Mas sabia que tinha de o fazer.

E fi-lo, um lento passo atrás do outro, até pararmos junto das portas do meu quarto de hóspede. Consegui dizer: “Obrigado.”

“Vós agradeceis-me.” Reyn soltou uma gargalhada resfolegada. “Eu mais mereceria uma praga vossa, depois daquilo por que vos fizemos passar.”

“Vós, não.”

“Vou deixar-vos em paz”, disse ele, despedindo-se, e permaneceu no exterior com a sua rainha enquanto o meu pequeno grupo entrava no meu quarto. Quando ouvi Perseverança fechar a porta atrás de mim, o alívio varreu-me e os meus joelhos tentaram dobrar-se. Lante pôs o braço à minha volta para me ajudar a chegar à mesa. Aceitei a sua mão para me equilibrar.

Um erro. Ele soltou um súbito berro e caiu de joelhos. No mesmo momento, senti o Talento a correr através de mim tão rapidamente como o ataque de uma serpente. Lante agarrou-se à cicatriz do ferimento de espada que os atacantes calcedinos lhe tinham causado. O ferimento estivera fechado, aparentemente sarado. Mas nesse breve contacto, eu soubera que havia mais para o seu corpo fazer e também ficara a saber de uma costela que sarara torta e de uma fratura no maxilar que estava levemente infetada e ainda a causar-lhe dor. Tudo fora reparado e posto como deve ser, se é que se pode chamar reparação a uma correção desapiedada como aquela. Eu colapsei-lhe alegremente em cima.

Lante gemeu debaixo de mim. Tentei rolar de cima dele mas não fui capaz de arranjar forças para tal. Ouvi Perseverança arquejar: “Oh, senhor! Deixai-me ajudar-vos!”

“Não toques...”, comecei, mas ele já se baixara e me pegara na mão. O seu grito foi mais penetrante, a voz de um jovem a ser levada de volta à voz estridente de um rapaz. Caiu de lado e soluçou por duas vezes antes de conseguir dominar a dor. Eu consegui rolar para longe de ambos. Lante não se mexeu.

“O que aconteceu?” A pergunta de Âmbar estava próxima de um grito. “Fomos atacados? Fitz? Fitz, onde estás?”

“Estou aqui! Não há perigo para ti. O Talento... eu toquei em Lante. E em Per.” Foram todas as palavras que consegui dizer.

“O quê?”

“Ele... o Talento fez qualquer coisa ao meu ferimento. Está outra vez a sangrar. O meu ombro”, disse Perseverança numa voz tensa.

Eu sabia que sangraria. Tinha de sangrar. Mas só brevemente. Era difícil encontrar forças para falar. Jazi sobre as costas, fitando o teto elevado. Imitava um céu. Nuvens fofas artisticamente criadas moviam-se por uma extensão azul-clara. Levantei a cabeça e invoquei a voz. “Não é sangue, Per. É só humidade. Ainda havia um bocado de tecido profundamente encravado no ferimento, a ulcerar devagar. Tinha de sair e os fluidos da infeção também. Portanto, saiu e o teu ferimento fechou-se a seguir. Agora está curado.”

Depois voltei a deitar-me no chão e vi a sala elegante balançar à minha volta. Se fechasse os olhos, oscilava mais depressa. Se os abrisse, as paredes florestadas oscilavam. Ouvei Lante rolar sobre a barriga e depois levantar-se a cambalear. Acocorou-se por cima de Per e disse com suavidade: “Deixa-me ver isso.”

“Vê também os teus ferimentos”, disse eu em voz mortiça. Virei os olhos, vi Centelha em pé por cima de mim e gritei: “Não! Não me toques. Eu não consigo controlar isto.”

“Deixem-me ajudá-lo”, disse a Dama Âmbar em voz baixa. Dois passos hesitantes trouxeram-na para o local onde eu jazia no chão.

Apertei bem os braços, escondendo as mãos nuas sob o colete. “Não. Tu, de todas as pessoas, és quem menos pode tocar-me!”

Ela agachara-se elegantemente a meu lado mas, quando ele recuou apoiando-se nos calcanhares, era o meu Bobo, nada tinha de Âmbar. Havia uma imensa mágoa na sua voz quando ele disse: “Julgas que eu te arrancaria a cura que não quisesses dar-me, Fitz?”

A sala girava e eu estava demasiado extenuado para lhe esconder fosse o que fosse. “Se me tocasses, temo que o Talento me rasgaria como uma espada rasga a pele. Se puder, ele devolver-te-á a visão. Independentemente do que isso me custe. E eu creio que o custo de restaurar a tua visão será eu perder a minha.”

A mudança na cara dele foi surpreendente. Apesar de ser tão pálido,

ficou mais branco ainda, até poder ter sido esculpido em gelo. A emoção retesou-lhe a pele da cara, revelando os ossos que lhe enquadravam o rosto. Cicatrizes que se tinham desvanecido destacaram-se como rachas em cerâmica de boa qualidade. Tentei focar nele o olhar, mas ele parecia mover-se com a sala. Sentia-me tão nauseado e enjoado, e odiava o segredo que tinha de partilhar com ele. Mas não havia forma de o esconder por mais tempo. “Bobo, nós somos demasiado próximos. Por cada dano que removi da tua carne, o meu corpo assumiu o ferimento. Não tão virulentamente como os ferimentos que tu trazias, mas quando sarei as punhaladas que te dei na barriga, senti-as na minha no dia seguinte. Quando fechei as chagas que tinhas nas costas, elas abriram-se nas minhas.”

“Eu vi esses ferimentos!”, arquejou Perseverança. “Julguei que tivésseis sido atacado. Apunhalado nas costas.”

Não parei perante as palavras dele. “Quando sarei os ossos em volta das tuas órbitas, os meus olhos incharam e enegreceram no dia seguinte. Se me tocares, Bobo...”

“Não vou tocar!”, exclamou ele. Pôs-se em pé de um salto e cambaleou cegamente para longe de mim. “Saíam daqui. Todos os três! Saíam, já. Eu e o Fitz temos de conversar em privado. Não, Centelha, eu fico bem. Consigo cuidar de mim. Por favor, vão-se embora. Já.”

Eles retiraram-se, mas não rapidamente. Saíram em grupo, com muitos olhares para trás. Centelha pegara na mão de Per e, quando olharam para trás, fizeram-no com as caras de crianças aflitas. Lante foi o último a ir e a sua expressão estava fixa num olhar Visionário tão semelhante ao do pai que ninguém se poderia ter enganado quanto à sua linhagem. “No meu quarto”, disse aos outros enquanto fechava a porta atrás de si e eu soube que ele tentaria mantê-los a salvo. Esperei que não houvesse nenhum verdadeiro perigo. Mas também temia que o General Rapskal não tivesse desistido de nós.

“Explica”, disse o Bobo numa voz seca.

Ergui-me do chão. Foi muito mais difícil do que devia ter sido. Rolei sobre a barriga, puxei os joelhos para baixo de mim até estar de quatro e depois levantei-me a cambalear. Apoiei-me na beira da mesa e contornei-a até conseguir alcançar uma cadeira. A minha cura inadvertida, primeiro de Lante e depois de Per, tinha extraído o que restara das minhas forças. Sentado, inspirei tremulamente. Era tão difícil manter a cabeça erguida. “Não consigo explicar o que não compreendo. Nunca aconteceu

com nenhuma cura de Talento a que eu tivesse assistido. Só entre mim e ti. Qualquer ferimento que te retire aparece em mim.”

Ele levantou-se, com os braços cruzados ao peito. Trazia a sua própria cara, e os lábios pintados e as bochechas avermelhadas de Âmbar pareciam agora estranhos. Os seus olhos pareceram perfurar-me. “Não. Explica por que motivo me escondeste isso! Por que motivo não pudeste confiar-me a simples verdade. O que imaginavas? Que eu te exigiria que te cegasses para eu poder ver?”

“Eu... não!” Apoiei os cotovelos na mesa e pousei a cabeça nas mãos. Não me conseguia recordar de alguma vez me ter sentido mais esgotado. Um latejar constante de uma dor intensa nas têmporas acompanhava o ritmo do meu coração. Sentia uma necessidade desesperada de recuperar as forças, mas, até estar quieto numa cadeira, estava a exigir-me mais do que eu tinha para dar. Queria cair no chão e entregar-me ao sono. Tentei ordenar os pensamentos. “Tu estavas tão desesperado por recuperar a visão. Não quis tirar-te essa esperança. O meu plano era que, quando estivesse forte o suficiente, o círculo tentasse sarar-te, se tu deixasses. O que receava era que se te dissesse que não te podia sarar sem perder a visão, tu perdesse toda a esperança.” O último bocado de verdade era anguloso e trazia arestas aguçadas ao passar-me pela boca. “E temia que me julgasses egoísta por não te sarar.” Deixei a cabeça afundar-se mais para cima dos braços dobrados.

O Bobo disse qualquer coisa.

“Não percebi.”

“Não era para perceberes”, respondeu ele em voz baixa. Depois admitiu: “Chamei-te paspalho.”

“Ah.” Mal conseguia manter os olhos abertos.

Ele fez uma pergunta cautelosa. “Depois de teres recolhido os meus males, eles sararam?”

“Sim. Em grande medida. Mas muito devagar.” Ainda tinha nas costas as sardas rosadas que eram eco das úlceras que haviam estado nas costas dele. “Pelo menos foi o que me pareceu. Sabes como o meu corpo é desde aquela cura descontrolada que o círculo fez em mim há anos. Mal envelheço e os meus ferimentos curam de um dia para o outro, deixando-me exausto. Mas sararam, Bobo. Assim que percebi o que estava a acontecer, passei a ter mais cuidado. Quando trabalhei nos ossos em volta dos teus olhos, mantive um controlo rígido.” Parei. Fazer aquela oferta era

aterrorizador. Mas na nossa espécie de amizade, ela tinha de ser feita. “Eu podia tentar sarar os teus olhos. Dar-te visão, perder a minha e ver se o meu corpo seria capaz de a restaurar. Podia levar tempo. E não tenho a certeza de este ser o melhor local para fazermos essa tentativa. Talvez em Vilamonte, depois de enviarmos os outros para casa, possamos alojar-nos em algum sítio e fazer a tentativa.”

“Não. Não sejas estúpido.” O tom dele proibia qualquer resposta.

No seu longo silêncio, o sono tomou conta de mim, derramando-se para todas as partes do meu corpo. Era aquela exigência absorvente que o corpo faz, uma exigência que não aceita recusa.

“Fitz. Fitz? Olha para mim. O que vês?”

Forcei as pálpebras a abrir-se e olhei para ele. Julguei saber o que ele precisava de ouvir. “Vejo o meu amigo. O meu mais antigo e mais querido amigo. Não importa que disfarce usas.”

“E vês-me claramente?”

Algo na voz dele me fez erguer a cabeça. Pisquei olhos lacrimejosos e fitei-o. Ele nadou durante algum tempo até ficar focado. “Sim.”

Ele soltou a respiração sustida. “Ainda bem. Porque, quando te toquei, senti acontecer uma coisa, algo mais do que esperava. Tentei alcançar-te, para te chamar de volta, porque temia que estivesse a desaparecer na corrente de Talento. Mas quando te toquei, não foi como se tocasse outra pessoa. Foi como unir as minhas mãos. Como se o teu sangue subitamente corresse pelas minhas veias. Fitz, eu consigo ver a tua forma, aí sentado na cadeira. Temo que possa ter-te tirado alguma coisa.”

“Oh. Ainda bem. Fico contente.” Fechei os olhos, demasiado cansado para a surpresa. Demasiado exausto para o medo. Pensei naquele outro dia, há muito tempo, quando o puxara de volta da morte e o voltara a empurrar para o seu corpo. Nesse momento, quando saíra do corpo que reparara para ele, quando passáramos um pelo outro antes de voltarmos a recuperar as nossas próprias peles, eu sentira o mesmo. Uma sensação de unicidade. De completude. Recordei-o, mas estava demasiado fatigado para o pôr em palavras.

Pousei a cabeça na mesa e adormeci.

Flutuava. Fizera parte de algo imenso, mas agora estava solto. Arrancado ao grande propósito que me usara como conduta. Inútil. Outra vez. Vozes sopradas à distância.

“Eu costumava ter pesadelos sobre ele. Uma vez molhei a cama.”

Um rapaz soltou uma meia gargalhada. “Sobre ele? Porquê?”

“Por causa da primeira vez que o encontrei. Não passava de uma criança, na verdade. Uma criança a quem tinha sido atribuída uma tarefa aparentemente inofensiva. Deixar uma prenda para um bebé.” O homem pigarreou. “Ele apanhou-me no quarto de Abelha. Encurralou-me como a uma ratazana. Devia saber que eu vinha a caminho, embora eu não consiga imaginar como. Apareceu de repente lá, com uma faca encostada à minha garganta.”

Silêncio, respirações sustidas. “E depois?”

“Ele forçou-me a despir-me até à pele. Agora sei que estava decidido a desarmar-me por completo. Ficou com tudo o que eu trazia. Pequenas facas, venenos, cera para copiar chaves. Todas as coisas que eu estava tão orgulhoso por ter, todas as ferramentzinhas daquilo em que o meu pai queria que eu me transformasse. Ficou com elas e eu fiquei nu e a tremer enquanto ele me fitava. A decidir o que fazer comigo.”

“Julgastes que ele ia matar-vos? O Tomé Texugo?”

“Eu sabia quem ele era. Rosamaria tinha-me dito. E tinha-me dito que ele era muito mais perigoso do que eu poderia imaginar, e de mais maneiras. Manhoso. E que sempre tinha havido boatos de que ele tinha... apetites.”

“Não entendo.”

Uma pausa. “De que ele talvez desejasse tanto rapazes como gostava de mulheres.”

Um silêncio morto. Depois um rapaz riu-se. “Ele? Ele não. Para ele só havia uma pessoa. A Dama Moli. Sempre foi uma piada entre os criados de Floresta Mirrada.” Voltou a rir-se e depois arquejou: “‘Bate duas vezes’, escarneciam as criadas da cozinha. ‘E depois espera e bate outra vez. Nunca entres até que um deles te convide a entrar. Nunca se sabe onde podem estar enrolados um com o outro.’ Os homens da propriedade orgulhavam-se dele. ‘Aquele velho garanhão não perdeu o fogo’, diziam. No gabinete. Nos jardins. Nos pomares.”

O pomar. Um dia de verão, depois de os filhos dela terem partido em busca de fortuna. Tínhamos passeado por entre as árvores, olhando para as maçãs em crescimento, conversando sobre a colheita que se aproximava. Moli, com as mãos doces das flores silvestres que tinha colhido. Eu parara para lhe enfiar um raminho de véu-de-noiva no cabelo. Ela

levantara a cara para mim, a sorrir. O beijo demorado tinha-se transformado em algo mais.

“Quando a Dama Esquiva veio para Floresta Mirrada, uma das novas criadas disse que ele tinha partido para arranjar uma mulher disposta a dar-se. Foi a cozinheira Nozmoscada que me falou disso. Ela disse à criada: ‘Ele não. Para ele foi só a Dama Moli e mais ninguém, nunca. Nem sequer consegue ver outras mulheres.’ Depois contou a Pândego o que a criada tinha dito. Pândego chamou-a ao seu gabinete. ‘Ele não é Dom Agarrabelisca, é o Depositário Texugo. E não teremos aqui mexericos desses.’ E depois disse-lhe para embalar as coisas dela. Foi o que a cozinheira Nozmoscada nos disse.”

Moli cheirara a verão. As flores dela tinham-se espalhado pelo chão quando eu a puxara para mim. As profundas ervas do pomar eram uma muralha pouco sólida à nossa volta. Roupa afastada, a fivela teimosa do meu cinto, e depois ela estava montada em mim, agarrando-me os ombros, apoiando-se com força nas mãos enquanto me prendia no chão. Baixando-se, com os peitos livres da blusa, a pousar a boca na minha. O sol aquecia a sua pele nua sob o meu toque. Moli. Moli.

“E agora? Ainda tendes medo dele?”, perguntou o rapaz.

O homem levou tempo a responder. “Ele deve ser temido. Não te iludas quanto a isso, Per. O Fitz é um homem perigoso. Mas eu não estou aqui por ter legítimas cautelas a respeito dele. Estou aqui para fazer o que o meu pai me pediu. O meu pai encarregou-me de o proteger. De o manter a salvo de si próprio. De o trazer para casa quando tudo estiver feito, se puder.”

“Isso não vai ser fácil”, disse o rapaz com relutância. “Eu ouvi Rapoluva a falar com Enigma depois daquela batalha na floresta. Disse que ele estava decidido a magoar-se. A pôr-se fim, uma vez que a mulher estava morta e a filha desaparecida.”

“Não vai ser fácil”, concedeu o homem com um suspiro. “Não vai ser fácil.”